N.º 60 (2.º) — (182) — 4.º ANNO Terça-feira, 2 de Janeiro de 1912 PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSAO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida).40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

Com anno novo, teremos vida nova?

Pobre ZÉ, como elle varre a estrequeira, e não vê que ella é imensa!

Fitas corridas

Diabos nos carreguem se percebemos alguma cousa d'isto! Isto, já se vê, é esta trapalhada. Esta trapalhada, é claro, são as cabriolas da politica. são os saltos mortaes e piruetas dos gallos cá da capoeira.

Todos dizem: «Isto não está bom, isto está mau, isto está pessimo, isto está isto, isto está aquillo», e não ha uma cara de toucinho que tome «isto» a peito! Com setecentos Diabos e 325 Affonsos Costas!!!

«Isto» é uma palavra muito torta, benza-a Deus! Pedimos desculpa de fallarmos em Deus e no Diabo ao mesmo tempo, mas é para todos se contentarem.

Ora bem; viram e admiraram a rapidez com que se discutiu o orçamento? Foi a «nove», nem deram tempo a um cidadão de se pôr bem... a examinal-o! Nós em casa, para fazermos o rol da roupa suja, levamos mais tempo a remexer as camisas e as ceroulas do que os deputados levaram a discutir «o diccionario das encravadellas», que é como se deve chamar áquella papellada toda!...

Foi atar e pôr ao fumeiro!

Olhem que o nosso carvoeiro a fazer bolas é um relampago, mas os paes da patria andaram mais depressa!

Tambem diga-se de passagem, o que abreviou muito a discussão foi ter sobrevindo uma serie de complicações e calamidades, peiores que as pragas do Egypto.

Uma d'ellas foi o sr. Affonso Costa, cujo tacto economico é por demais conhecido, ter adoecido exactamente n'esta occasião!

Foi um azar dos demonios! Pobre doente! Devem ser umas dôres! Nós calculamos... deve ser um soffrimento horrivel! E ainda o sr. dr. não tem callos, porque se os tivesse... doia-lhe mais.

Note-se: nós não dissemos isto na intenção de duvidar da doença do sr. Affonso Costa. Mas ha uma coisa. E' que talvez s. ex.ª pudesse adiar o padecimento por uns dias e ir dizel-as boas e bonitas a S. Bento, a proposito do orçamento. Devemos concordar, nós, o sr. Affonso Costa e a doença, que não custava nada. Que diabo! A doença de s. ex.ª não deve ser «thalassa» de especie alguma!

Outra coisa. Porque razão o sr. Magalhães Lima e o sr. Eduardo d'Areu não fizeram ouvir as suas vozes no Senado? Meia duzia de palavras todos dizem e já o mesmo não succede com meia duzia de bons pensamentos, estando nós certos de que estes dois cavalheiros produziriam pelo menos tres cada um.

Tambem não custava nada! Então porque não foram? Porque motivo o sr. Abreu que no «Jornal do Porto anda á «bazanada» a tudo isto não foi cantar no Parlamento?

A resposta e facil: Quem se rala morre cedo! Todos cantam muito bem, mas quando apparece occasião para fazer qualquer coisa, uns estão doentes, outros vão ali já veem e outros põem se a dormir!

E dizem então: «isto não está bom, isto está mau».

Não está bom, porque vocês não querem, seus politicos da trama.

Ah! politica! politica! que estás mesmo a pedir um panno encharcado!...

*

Pelo que vemos nos jornaes está-se melhor nos carceres dos conspiradores do que no palacete do sr. Manuel d'Arriaga. Raro é o dia em que não se evade um preso. A fugirem assim a um e um d'aqui a pouco não ha conspiradores para julgar!

E olhem que nós já não podemos passar sem este «menú»! Um conspirador! Apreciamos mais um petisco d'estes do que uma isca com batatinhas! Mas a deixal-os fugir é que não vae nada!

Levaram algum trabalho a prender, todos o sabem.

Então como os deixam safar assim, sem ao menos dizerem «agua vae»? Talvez seja a vista um pouco grossa...

Sim, porque um preso não se evade tão facilmente d'uma prisão como se bebem dois decilitros.

Demais a mais parece que a fita é de repetição...

*

O «Seculo» continua a ser impagavel com a sua reportagem. Na sexta feira fallava da nossa marinha de guerra e estampava na primeira pagina as photographias dos nossos futuros barcos. Dizia muitas coisas bonitas, fallava de peças e canhões, de torpedo se chaminés... mas a respeito de massas, nada. Cantava que eram 45:000 contos e... pio.

Ora bem; nós vamos agora fazer contas... já que não podemos fazer contos.

O' rico Zé, sabes quanto representa esta maquia?

E' o mesmo que dez milhões de libras. Tomaras tu uma para mandares concertar as botas!

São 90 milhões de moedas de cinco tostões. Tomaras tu agora uma corôa para as tuas extravagancias!

Supponde que Portugal tem 6.000:000 de habitantes, cada habitante dispende para os taes 45:000 contos a quantia de 7$500. Ouve lá, já pagaste a renda da casa?

E são 45 mil contos! Mas accorda, ó Zé. Olha que não são da carochina.

Cá não os ha. E' preciso emprestaremnos. Queres um conselho? Vê quem é o credor e pede-lhe tambem dez tostões emprestados, que o homem talvêz seja generoso!

E adeus, até para a semana!

Isto só com musica!

♣

Só a rir

Aquelle sabio Carlos Olavo, que tão **brilhantemente** tem dado provas do **muito saber** que lhe deu a Universidade, laracheando ha dias nas columnas d'um gazeta, dizia:

«Não estão contentes as inteligencias rudimentares que esperavam que a Republica, d'um momento para o outro, resolvesse e reparasse tudo o que lhe tinha legado a monarchia etc; etc.»

Sim senhor. O que as rudimentares inteligencias nunca esperaram, foi que o **genial talento** de Carlos Olavo, o levasse a joelhar aos pés do prior d'Almada e tambem, vel-o tão depressa agarrado ao succulento osso que lhe deitou a republica do sr. Machado dos Santos.

♣

Sonho de fado

E' talvez ainda na presente semana, a primeira representação d'esta opereta comica, parodia ao «Sonho de Valsa» e original de Caetano Pereira e do nosso collega Arthur Neves. Sabemos que vae montada com muito gosto e grande apparato, sendo a musica que está confiada aos laureados maestros Luiz Filgueiros e Alfredo Mantua, um verdadeiro mimo de inspiração.

Bradaremos no deserto?

Até hoje, ainda não houve o menor indicio de que as instancias municipaes, se dignassem attender as justissimas reclamações dos moradores das azinhagas da Bruxa, Planetas, Salgadas, alto das Conchas, rua de Cima até Chellas.

De tudo lhes falta, desde a luz, aquella que tem um tanto ou quanto de enebriante, a luz da phantasia que procura rivalisar com a noite, que pretende trazer á luz da verdade e do conhecimento, os crimes das trévas, á falta do accesso a suas casas, cujos caminhos só envergonham quem, na Camara superintende em tal pelouro.

Senhores cidadãos, para que reclamar aos édis direitos, se apenas tendes que cumprir deveres?

A Camara Municipal, só conhece os municipes em vesperas de eleições por isso, tenham paciencia e guardem a rasão da sua justiça para as vesperas das eleições! Que vergonhosa comedia é tudo isto.

Como se não bastasse este vergonhoso abandono, a que são votados os moradores de Chellas, ainda hoje, nos veiu procurar o cidadão José Monteiro, com estabelecimento de mercearia na azinhaga das Salgadas, pedindo, a nossa intervenção para nas columnas do «Zé», advogarmos a sua reclamação que se define no seguinte: Em 1911, anno que findou ha dias, foi collectado na importancia de 23$985 réis, isto, fóra o verbicacho dos addicionaes; comparando com a verba de 11$152 réis que pagou da colleta de 1910, representa um augmento que, reputa uma flagrante injustiça e sob a qual reclama e protesta energicamente.

Tenha paciencia amigo cidadão, então não sabe que alguem ha de pagar essa gazolina dos automoveis que por ahi vemos a toda a hora?

Chama-se isto pagar e não bufar! Mas descance, nós cá estamos para no proximo numero tratarmos d'esta moralidade de tão unica n'estes tempos que vão correndo.

♣

Democratica Moralidade

Como nota official, vemos em todos os orgãos da sagrada familia, a noticia de que o ex-presidente do conselho de ministros, o cidadão João Chagas, parte para Paris, no fim d'esta semana.

Tal noticia, só próva que tudo isto é um regabofe para o qual o «Zé» contribue.

De ha muito, que o velho revolucionario do 31 de janeiro, tinha o dever, em nome da moralidade e dos bons creditos da republica, de pôr as malas e a sua personalidade a caminho de Paris.

E como elle, Guerra Junqueiro.

Quando vae Boto Machado para a Argentina?

Ora adeus!!!

A camara municipal não consentiu que se ajardinasse o Largo da Bibliotheca Nacional.

Pois está visto! E o busto do visconde de Valmôr. Tambem não precisa de arranjo?

LEIAM

O' carinhas direitas, vocês passaram umas festas na ponta da unha, não passaram? Divertiram-se muito, riram, passeiaram, foram ao theatro e comeram as brôas, não é verdade? Então não se zanguem com este rebuçadosinho. Lá vae:

«O Zé» vae enviar á cobrança os recibos das assignaturas e para evitar despesas pede aos srs. assignantes a fineza de satisfazerem as importancias respectivas quando receberem os avisos.

Isto para não sentirem a falta d'«O Zé».

Vá lá, não façam caretas, seus mansórios!...

1911

O anno sem juizo ou o juizo do anno

Revista de anno original de

FULANO DE TAL

1.º acto

«Na mansão dos tempos».

Os segundos são os primeiros a entrar em scena.

Cantam um «couplet» que ninguem houve porque uns «dandys» da moda entram n'esta altura, fazendo muito barulho. N'esta altura entra o «Zé», o compère, é claro. Dirige-se a um minuto que está ali a fazer horas para ir ao Terreiro do Paço tirar retratos «á lá minute», e pergunta-lhe:

—Então que é feito do Tempo.

—Esse estoirou de velho...

—Tem graça! O de Lisboa estoirou de ninguem o lêr. Mas então quem rege agora o Mundo?

—O mesmo d'antes. O França Borges.

—Não é isso; o outro mundo, o mundo onde ha lama, e politicos!

—O anno novo. O 1912 da era christã!

—Ah! O anno é thalassa!? Por lá é o «Dia».

—Mas o senhor avia-se. Olhe as horas vão passando e as horas devem estar a chegar. Olhe, ahi veem ellas.

Entram as horas. As horas amargas do sr. Antonio José; as horas de comer fóra d'horas do sr. Eusebio Leão; as horas esquecidas dos despachos ministeriaes; as horas felizes do sr. Barbosa! etc. Cantam uns numeros e agora a hora de «Greenwich» apparece. Pergunta para o «Zé»: Que vens cá fazer? Não sabes que as Mansões do Tempo são inatingiveis?

—Pois sim, rala-te. Olha o «Seculo». 100 annos e furadinho ainda. Agora a proposito. V. Ex.as é que podiam abrir uma subscripção para o pobresinho do Silva Graça que tem a succursal n'uma lastima...

—Bem, bem. O que queres de nós?

—Que me illucidem sobre as horas novas. Dantes queixavam-se que a monarchia se adeantava e agora elles adeantam-me mais 40 minutos.

Tens que te acostumar, filho. Ha de custar-te não ires á noite para casa entre as 10 e as 11, mas entre as 22 e as 23; e não veres á tarde o ponteiro entre as duas mas... nas 14. Vá lá. Eu vou comtigo para te habituares, mas em troca has-de me mostrar algumas coisas da tua terra.

2.º acto

1.º quadro — No animatographo «Salão 1911».

O «compére» e a «comére» act am-se sentados nas cadeiras.

«Ella»—Que fita é esta?

«Elle»—1911 por um oculo.

«Ella»—Quem é aquelle velhote que parece D. Cezar de Bazan, á estocada com a malva?

«Elle»—E' o pae Theophilo. Chegou-lhe a mostarda ao nariz e agora diz-lhe das boas.

«Ella»—E esta fita agora «Tontolini quer ser colla tudo».

«Elle»—E' o Dr. Bernardino a unir o que elle partiu com a sua candidatura á presidencia. Falla muito na União ainda.

»Ella»—E tu vaes no bóte?

«Elle»—Não. Elle é que vae... para o Brazil. Olha isto agora é uma esposição de gado do nosso Alemtejo...

«Ella»—Quem é aquelle?

«Elle»—E' o Brito Camacho. Aqui mudou já de fita, (é claro.) Estes outros, agora andam n'um bando precatorio para uma poderoza esquadra.

«Ella»—E tu vaes n'essa fita!

«Elle»—Já não. Vê lá o coupe 44 que ficou em 7 e meio. E olha que esse é historico...

«Ella»—Como o Macieira?

«Elle»—Não. Esse é prehistorico.

«Uma menina na fila da frente dos comperes, baixo para o namoro que está ao lado:»

—O' filho, tu estás todo molhado...

—Então, o estupido do rapaz de agua, entornou-me um copo nas calças...

«Ella»—O' Zé; o que fazem estes aqui á frente?

«Elle»—Contribuem para a diminuição dos deficit, amando se sem produzirem nenhum menino, que seria, ou militar ou bacharel ou doutor e que o Estado teria de encafuar n'algum logar por incompetencia provada. Alem de que estragam a vista... e as chinezas já se fôram e não podem tirar-lhes os bichos.

«Ella»—Os bichos?

«Elle»—Sim, filha. São minhócas na cabeça. Anda agora ver a fiita mais fallada d'estes tempos.

2.º quadro nas Trinas

«O Juiz»—O reu é acusado de sob o titulo de heroe, receber 3.600.000 por anno, mostrando quanto foi patriota o seu gesto visto que se renumera tão insignificantemente.

(Para outro réu) O reu é acusado de ter subrepticiamente e com sorrissos equivocos, defraudado o estado... virgem d'uma joven de mezes; indo favorecer assim os seus amigos.

O Sr. Batalha... (não se ouve o resto)

«O Zé»—Nós enganámo nos na porta. Estes são os nossos grandes patriotas e amigos. Mas já agora não vale a pena ir ver o julgamento dos conspiradôres contentemo-n'os em aplaudir estes velhos amigos. E vê como eu os saúdo a todos com as minhas armas, salvo sêja.

Apotheose

O "Zé,, com uma grande pirúa... debaixo do braço, apresenta armas... de «S. Francisco aos velhos figurantes do palco da politiquice.

Encyclopedia util

por Armando Ferreira

(Continuado)

Botanica

Banana—Fruta palerma. E' muito quente. No Brazil há cariocas que estabelecem premios para quem as descascar melhor.

E' bom não comer muito que se fica abananado.

Maçãs—Fruta do rôsto e do resto, porque certamente se o Adão pecou por causa da maçã paridisiaca não foi por causa das do rosto da Eva.

Nasce no chão e na praia.

Ameixas—Fruta que resolve questões. E' a fruta por excelencia da Ameixoeira. Pode-se mesmo dizer que é o seu fórte.

Girjas—Frutas conhecidas de ginjeira. Velhos e velhas. Fóra de uso; só já lá vae de... compota.

Azeitonas—Fruta da azeitoneira; as cabras semeam em geral em grande quantidade

Milho — Dinheiro, massa, massaróca. Ha o pão de milho, a brôa de milho e a Venus de milho.

A mulher é feita pelos vapôres. Ha menino que faz 50 milhas por hora.

Feijão—Planta de artilheria de campanha. Na provincia usa-se como gramofone familiar.

Come-se ao jantar e ao serão ha... musica.

Rodrigues Laranjeira

A' hora do nosso jornal circular, já tem reassumido o seu antigo logar, na Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, este nosso querido amigo e collega de redacção.

A justiça, que lhe acaba de ser feita, dispensa tudo quanto dissesemos do collega que, foi o mais devotado e ardoroso amigo da classe que, tão ingrata (como outros) foi para elle.

A lição foi dura. Felicitando a companhia dos caminhos de ferro, abraçamos o collega que saberá cumprir os seus deveres.

Ainda bem, que a justiça vem chegando.

MOTTE

Os bispos viram 'ma fona!
Apre! Que bella queijada!

GLOSA

O ministro da justiça
Tocou ha dias sanfona,
E mesmo á hora da missa,
«Os bispos viram m'a fona!»
Quizeram fazêr gaifona,
Tiveram fanfarronada,
Mas o patrão da jangada
Cantou-lh'as agora bôas!
Ai filhos, chuchem as brôas!
«Apre que bella queijada»!

E esta?

Ha tanto tempo já que não se falla dos batalhões voluntarios!

Até parece mentira!

O sonho da Allemanha e Hespanha

Como será delirante, a entrada do tal rei "Battenberg,, em Portugal!

Coisas que a gente vê

27-12-1911.

Bolas para o casorio!

A humanidade é imensamente tola, diz o meu compadre Braz Cachorro, e tem razão.

Todos os dias eu leio nos jornaes que «Fulano se casou com «Sicrana indo passar a lua de mel para Cintra ou... para o raio que os parta a ambos. Levou-os ao casamento um amor enorme, que se gerou e engrandeceu n'um gracioso sorriso d'ella, n'uma declaração patética em que o «D. Juan» lhe dizia que «os seus olhos eram duas estrelas roubadas ao firmamento». Ella morava num sexto andar e elle ia falar-lhe todas as noites. no mez agreste de Dezembro, em que o vento sacode as folhas das arvores deixando-lhes os troncos nús, o apaixonado lá estava, a pé firme, sujeito ás intempéries do tempo, dizendo-lhe que a amava muito e que haviam de casar um dia. Quantas constipações elle apanhou! Quantas! Mas casaram — valha-nos isso — casaram e foram passar a lua de mel a Cintra...

Passado um mez — menos ainda — já o marido agarra n'uma vassoura, e a mulher num piasaba, e ei-los gosando as venturas dum amor feliz. Começam a cair sobre o mel os primeiros pingos de vinagre. E d'ahi para o futuro é bordoáda do criar bicho...

Agora me lembro que numa conversa que tive com o saudoso Silva Pinto, o Mestre me dizia: — a unica asneira que não fiz na vida — foi casar-me. Se o tinha feito, estava a estas horas arrependido...

E todos pensam assim, o que não têem é coragem de o dizer.

Olhem que essa cantiga do amor livre não é uma aspiração da mocidade de hoje, ardente e vigorosa. Qual historia... Já o mestre Platão, vinte e quatro seculos antes de Christo apregoava as maravilhas d'esse elixir.

E isso lhe mereceu uma troça muito bem architectada por esse pandego e genial Aristoffanes, que, na comedia «Os Passaros», — se a memoria me não trae, — ridicularisou as teorias de Platão. Na assembleia das mulheres apresentanos elle uma garrida mulheraça que assim fala aos homens boquiabertos: — D'hoje para o futuro, não ha escravos nem senhores. Todos somos eguaes. Não há marido nem mulheres. Eu pertenço em comum a todos os homens. Vós pertenceis a todas as mulheres. Decreta-se o amor livre. Os homens amarão quem elles muito bem quizerem, e as mulheres «idem» na mesma data. — Mas — observa um marido curioso e abananado — quem vae ficar de peor partido são as mulheres e os homens feios; porque, entre uma mulher linda e outra feia, eu escolho a linda, e creio que as mulheres farão o mesmo com respeito a nós. Resposta d'ella. — Alto lá o meu amigo só poderá amar a mulher bonita depois de se ter batido com, pelo menos, tres feias; e eu só poderei gosar um «jecegote» de estalo depois de ter dado o meu corpo a tres «gajos» ainda mais horriveis que você... E tudo correrá as mil maravilhas. —

O Aristophanes era pandego demais para resolver estas coisas; o certo é que ficou tudo na mesma. Ainda hoje a aspiração do amor livre não passa d'um sonho de certos maduros. E emquanto a mocidade delira pela emancipação do amor, o conselheiro Accacio diz; — Isso é um ataque ás sagradas leis da familia... Os filhos, o que seria dos filhos?...

E ficamos a ouvir o conselheiro e não andâmos para a frente, quando afinal o casamento é um martyrio para quasi toda a gente.

Eu continúo a ler nos jornáes que hotem se consorciaram dois pombinhos; d'ahi a oito dias sou informado que andam a tratar do divorcio. Bolas...

Agora mesmo a imprensa informa que o toureiro Rafael Gomes, El Gallito, e a sua companheira a Bella Imperio vão requerer o divorcio. Não é este um caso edificante? Uma questão de ciumes levaram dois amantes, que ainda há pouco voavam para Madrid nas azas de Cupido aos extremos d'uma separação! E dizem que o tal «El Gallito» ainda por cima tocava a pavana no corpo da Bella Imperio... Desvia...

Mas no entanto os jornáes continuam a noticiar casamentos, e os varios conselheiros Accacios impingem os filhos que é uma beleza. Raios os partam...

MANOEL CHAGAS (Pardielo)

♣

E' padre e basta...

Li o protesto do bispo da Guarda onde elle expõe a ideia de se estabelecer um regimen de paz e «que os catholicos serão os mais submissos» cidadãos da Republica portugueza.

Desde ha muito tempo conhecemos qual o feitio do sr. bispo da Guarda a respeito das instituições vigentes e qual a sua norma seguida no caminho da religião.

Sabemos que sua «eminencia» é jesuita refinado; sabemos que ha tempos foi corrido á pedra na Covilhã sendo preciso que um esquadrão de cavallaria em pé de guerra o acompanhasse até á estação do caminho de ferro.

Sua eminencia não gostou da brincadeira de se ver frente a frente a um povo indignado contra elle.

O leitor não sabe os promenores, mas eu testemunha do facto, conto-lh'o:

O sr. bispo da Guarda, em tempo proprio para rezas, foi á Covilhã fazer umas predicas religiosas e para garantir a concorrencia mandou fechar todas as outras casas de oração e distribuiu bilhetes de convite para assistir á sua eloquencia divina...

O povo indignou-se com isto, e do facto de haver bufete na sachristia que transformava o «templo» em uma taberna e casa de espectaculo, fez então fortes manifestações de desagrado.

Accrescia a isto outro motivo dado pelo sr. bispo da Guarda; foi o elle ter mandado para lá e para o Teixoso varios jesuitas prégar o coração de Maria, e tão bem foi feita a predica que, passados mezes, algumas filhas de Maria seguindo o exemplo d'esta, davam ao mundo innocentes fructos dos seus fervores religiosos, com a differença de não ser «por obra e graça do Espirito Santo,» mas sim por obra do «Espirito jesuitico».

Foi por isso e porque na Guarda o sr. bispo mantinha relações com uma mulher casada raptada por elle a seu marido, e visto a sua grande moralidade ecclesiastica que o povo conserva tão gratas recordações originadas pela sua sinceridade «devota».

Agora pretende empalmar a republica visto que nada alcançou pelos meios usados contra ella.

Sempre o espirito jesuitico a desenvolver-se nas menores cousas da vida.

CHACON SICILIANI.

3029

Não. Não vamos fazer reclame ao 3029 da loteria da Santa Casa.

Não. 3029 é o numero de um «gallego» portuguez que em conversação com camarada dizia:

— Ah! rapaz. Olha que este inverno tenho ganho bem bôa massasinha e não casei com a Faustina do Pateo das Osgas. Ando sempre n'um sarilho a caminho dos theatros. Olha ainda hontem era meio dia estava eu no Rocio e mandaram-me ir comprar um camarote de 1.ª ordem ao **Colyseu dos Recreios** onde está agora outra vez a companhia de oppereta que cá esteve no verão e que tanto successo fez. Lembras-te que deu perto de 100 representações? Pois agora está dando outra vez bellas casas. Fui lá vêr a Viuva Alegre» que teve uma nova interprete na Anna Glawary que foi muito applaudida e vi tambem o «Conde de Luxemburgo» em que a Angela Didier foi substituida com vantagem e de ambas as vezes a casa estava quasi completamente cheia. A companhia esta passando em revista o seu reportorio e como n'elle não ha peças fracas o **Colyseu dos Recreios** está novameute na berlinda apresentando uma excellente companhia de oppereta que o publico tanto aprecia. Mas como te ia dizendo, apenas entreguei o bilhete ao freguez desandei para o **Republica** onde ha no dia 3 a premiére de «As nossas amantes» peça de Augusto de Castro que vae em festa de Adelina Abranches a querida actriz de tão pequena figura e tão grande talento. E, acredita, foi com custo que lá arranjei tres fauteuils seguidos. Fui encontrar o freguez a comprar bilhetes no **Nacional** para o dia segminte. Estás a vêr que elle é um frequentador de bons theatros. E é que vae vêr uma peça muito interessante e muito bem desempenhado no **Nacional.** A empreza ancertou, olá se ancertou e demais pergunta-se ao Gouveia Pinto que tem ali um trabalhão na bilheteira. Agora uma coisa que eu estimei foi que o **Gymnasio** reabrisse. Que diabo o **Gymnasio** é um theatrinho muita apreciado pelos provincianos e que leva peças engraçadissimas; fazia-me pena vê-lo fechado. Elle agora parece que tem tido mais gente. Olha eu cá dava um conselho á empreza: Era voltar ás peças antigas, como por exemplo: á «guerra ao vinho. Commissario da policia» e outras porque o publico se pela. Olha que dava em cheio. Mas em todo o caso o cartaz do **Gymnasio** não tem apresentado peças paradesprezar sendo muito para lastimar que o publico d'esse causa a um tão mau desfecho mas parece-me que reconsiderou e ainda bem Lá o visinho é que navega em maré de rosas. A «Princeza dos Dollars» tem dado dinheiro a valer á **Trindade.** Tambem não admira: o scenario e guarda roupa são de um luxo quasi exagerado, o desempenho é magistral sobretudo da parte de Palmira e Amadeu Ferrari que tem uma voz de... trez assobios e a orchestra está afinadissima. E hontem ainda foi levar mais dois recados á tarde. Um ao **Apollo** onde vae o deslumbrante «Chico das pegas» cujo successo é inegualavel parecendo não têr fim, e outro ao **Variedades** onde os «Geraldos» vieram dar ainda mais vigor ao «Pae Paulino». O mandado era para o «**Rua dos Condes**» mas como já não havia lá havia lá bilhete algum foi ao **Variedades** e o freguez não ficou descontente.

— Pois eu menino, só fui uma vez ao **Moderno** onde está agora a Perpetua Viegas, eximia cantadora de fados e outra ao **Salão dos Anjos** onde ha uma revistasinha muito agradavel. Arranjo sempre freguezes que me pregam estafas...

E lá seguiram os dois «chaites» rua da Palma abaixo na sua conversa.

SALAO DA TRINDADE. — Todas as noites o sexteto Caggiani executa um programma escolhido e no écrain exbibem se fitas das mais acreditadas.

CHIADO TERRASSE. — As 3.as e 6.as lá está a sociedade elegante «espadanando» com toda a sua requintada e apaixonada elegancia.

OLYMPIA. — São concorridissimas as sessões especiaes d'este animatographo dedicadas á primeira sociedade e colonia brazileira.

FOZ. — Não se poupa a despezas a empreza deste animatographo pretendendo apenas conservar o agrado do publico. Agora lá estão com grande successo: a troupe acrobatica, a admiravel fita — «Pacto escuro» e Anna Biel!

CENTRAL. — A esplendida machina do CENTRAL continua deliciando os frequentadores deste animatographo.

Hora suprema

Um dos primordiaes caracteristicos da familia portugueza, é sem duvida, a pulsilanimidade e a audacia.

De todos estes caracteristicos, tem nascido o petulante que tem medrado a olhos vistos, o imbecil, que tudo tem avassalado, o audacioso que tudo tem vencido; e aqui temos, quasi no que se define a caracteristica d'um povo que, ainda hoje dorme enebriado pelas suas aventuras e épicas conquistas de seculos passados que já mais voltarão a repercutir-se na senda da nossa vida ou, a abrir paginas d'oiro, nas folhas da historia que, é nem mais nem menos, a fonte preciosa d'onde dimana o rico e poderoso escrinio, que guarda immorredouramente a gloria e o renome d'um povo que hade saber triumphar da grave situação que o cerca e asfixia a sua existencia!

A toda a hora, nos apparece um aventureiro, um petulante, um imbecil que domina as multidões; um sabio, que em nome d'esse sagrado sacerdocio que se chama — doutrina, lá vem, a maior das vezes anonymamente, fallar-nos do alto d'essa tribuna do chamado sagrado tribunal — a imprensa, a dizer-nos que isto vae muito mal, que o estadista **a** é um corrupto; e que o talentoso **b**, é a melhor e a mais competente das creaturas para azeitar os eixos da velha e corrupta matreira que em estylo diplomatico se chama—a politica!— eis, no que se define sem sortilegios ou refolhos de rhetorica, a nota predominante da actual vida do povo portuguez. Ha dias, aqui, começamos dissecando a doutrina inserida pelo bem famoso «Matin» portuguez que, dizia, a solução do gravissimo problema que é a pedra de toque de toda a nossa vitalidade — a instrucção primaria, só teria a sua solução, uma vez que, se solucionasse a questão economica. Ora, quebrando esse preconceito que tanto nos indigna e revolta—a pulsilanimidade, diremos, ao douto articulista do «Matin» da rua Formosa, que vá ás ortigas, porque percebe tanto de questões de instrucção e economicas, como eu sei o que vae agora em Tripoli.

Ao contrario do que sustenta, a solução do problema economico, depende da solução do problema da instrucção nacional porquanto, sem termos o trabalhador desde o rural até ao das industrias nas cidades, com a instrucção technica sufficiente, nunca conseguiremos levar de vencida a supremacia economica dos outros povos; e nem sequer, poderemos entrar em competencia com elles.

Accresce ainda o facto de, para a solução de problema economico, termos de contar com o importante factor da emigração. Ora, hoje só quem não quer é que não sabe, que no proprio Brazil, a area mais propria para a nossa expansão colonial, vamos dia a dia perdendo terreno em presença de colonos d'outras nações, que, com menos qualidades de adaptação ao clima, com differenças absolutamente radicaes de lingua, tradições e até de certos costumes, nos sobrepujam pela instrucção. Está n'isso, o segredo do desenvolvimento das colonias d'outros paizes europeus no Brazil, á medida que, a nossa que outr'ora foi preponderante, vae passando para um plano inferior, especialmente nos Estados do Sul.

Como o douto articulista, dividia em dois pontos o seu primoroso artigo para ser vendido á ingenuidade do «Zé» engole e paga tudo, ficamos hoje tambem aqui, que, é a resposta ao primeiro ponto do seu admiravel artigo, que levou do alto Minho ás margens do Gudiana, a admiração de tanto saber, e como o «Seculo», tão proficientemente trata os problemas dos quaes depende o futuro do novo Portugal. Fallaremos no proximo numero.

R. Laranjeira.

Theatro de S. Carlos

Inaugurou-se no dia 23 de Dezembro no nosso theatro lyrico explorado por uma empreza de larga iniciativa e que decerto dará ao publico uma optima epocha em que se exhibirá com reportorio escolhido aliado a um elenco de primeira ordem. As operas representadas até agora e os artistas com quem o publico já travou conhecimento d'isso são a prova.

Os sopranos Matini, Lacambra e Storchio, o tenor Eglilid e os outros que ouvimos são artistas de muito valôr assim como a «Madame Butterpley», «Manon», Bohemen e «Aida» são peças que o nosso publico muito aprecia pelo seu elevado valôr artistico.

Batalha... d'um bigóde... com um Batalha

Eu vou contar, que pagode!
A odysseia do Batalha,
Que pegou no seu bigode
E zás! rapou-o á navalha!

Não sei se em verso se póde
Contar a coisa sem grálha:
Quando apparece o bigode,
Desapparece o Batalha!...

E' coisa que anda na balha,
Porém, ninguem se incommode,
Pois se apparece o Batalha,
Desapparece o bigode!...

Todo o mundo tem bigode,
E' geral a opinião:
O gato, o homem e o bóde,
Só o Batalha é que não!...

O' da guarda quem me acóde
Para acabar o epigramma!
O Batalha, sem bigode,
Parece um nabo sem rama!

E' para lamentar

Bazilio Telles, essa poderosa mentalidade das raras da nossa terra, mais uma vez, acaba de rejeitar a sua nomeação para a inspecção geral das Bibiothecas; penalisa-nos, vêr que não ha um só jornal dos que rapidamente chegam até ao burgo mais recondito do alto Minho ou das margens do Guadiana, que tivesse a hombridade de dizer ao povo, que para tudo paga mas que de tudo ignora, a rasão, sem duvida, que leva esse fecundissimo talento a não incorporar-se na alta burocracia do paiz.

Não admira, somos um povo preso a conveniencias, a amigos e quasi todos nos vemos ligados por laços do compadrio; d'ahi, esta falta de verdade em que vamos continuando a educar o povo. Bazilio Telles, recusa, porque não desce a acamaradar com essas mediocridades que em nome da revolução do sr. Machado dos Santos, tão petulantemente, avançaram desde o Terreiro do Paço á velha casa de José Estevão, sem que o pudôr lhe ciciasse ao ouvido, que a moralidade não é uma palavra vã.

Assim, lá têmos em tão alto cargo, o sr. Julio Dantas que, sendo um intellectual digno do respeito e da estima de todos os que sabem o que é litteratura, não deixa de ser aquelle famoso commissario do fallecido theatro de D. Maria, de quem, «O Mundo» e tantos outros jornaes, disseram, o que Mafoma nunca diria do toucinho.

Muito póde a faculdade do esquecimento e o bom estomago do povo!

Não admira, em Roma, todos são romanos.

Honremos a Republica

A nossa intransigencia em materia de religião, dá-nos o direito de verberar o desacato que ha dias teve logar na egreja do Soccorro.

O livre pensador, tem o direito incontestavel ao respeito dos religiosos, atheistas, musulmanos etc; etc. O que certos livres pensadeiros não teem direito, é a desrespeitar em nome do seu sectarismo, da sua inconsciencia intellectual, a crença do seu semelhante.

A scena de vandalismo, praticada no dia 25 de dezembro na egreja do Soccorro, provando bem a incoherencia de muito menino que se diz pensador, não menos demonstra, quanto é indispensavel cuidar da educação civica do povo, tão embutidos em asneiras de vinicos palradores que nem ao menos sabem onde teem a cara. Effeitos que veem de longe.

A' "Republica,,

Todos sabem, que foi o brilhante diario de Antonio José d'Almeida quem, mais se salientou quando do conflito no Brazil, entre o nosso ministro ali e o notavel orador Alexandre Braga. Estando ausente então o fogoso republicano, resolvemos archivar tudo quanto a «Republica» deu á luz da ribalta aguardando o seu regresso, para então fallarmos. Cidadão director da «Republica», o povo soberano (são palavras de s. ex.ª d'outos tempos) tem o direito a saber tudo o que ha e deu origem ao tão rapido regresso do sr. ministro e consul geral. Uma vez em Lisboa o sr. Alexandre Braga, porque temos ainda que esperar para que o povo saiba tudo, tudo que se passou?

Nós e a China

Se o telegrapho, não nos enviva lá da China um palão, dizem-nos ter sido eleito presidente da republica Chinesa o dr. Sun-Yat-Sen que, como se sabe, é heroe da implantação ali do novo regimen.

Ora vejam, em Portugal, paiz das inteligencias rudimentares, a fóra os da troupe Olavo, precisamos dez mezes de ditadura e de provisorios, para eleger o chefe da nação; a colossal China, com todos os seus atrasos e mais coisas feias que lhe chamam — a poucos dias d'uma formidavel e terrivel (notem bem) revolução, acaba de se constitucionalisar! Que differença. Olha se lá ouvessem Calixtos e Olavos?

A ultima étape d'um sabio

Seria a crise da edade, ou o prazer da vingança, a origem da publicação do livro? E' um sabio ao mar!!